



Milton Alves/AE - 15/11/88

Lemgruber: pela negociação clássica

Maia: "Só para os mais pobres"

Lemgruber acha técnica inviável

RIO — O economista Antonio Carlos Lemgruber, diretor do Banco Boavista e ex-presidente do Banco Central, afirmou ontem que "é ilusão achar que a negociação política vai resolver o problema da dívida do Terceiro Mundo". Ele disse estar cético quanto à iniciativa do futuro governo Bush, de promover reforma administrativa que facilite aos bancos o perdão voluntário das dívidas dos países pobres. "Não acredito em nenhuma fórmula milagrosa que livre o contribuinte norte-americano de arcar com o ônus do perdão da dívida. Conseqüentemente, essa proposta do Tesouro norte-americano evidentemente não vai passar no Congresso", assinalou.

Para Lemgruber, não há outra alternativa para obter condições mais favoráveis de pagamento do que a clássica negociação direta com os bancos credores e o Fundo Monetário Internacional. "Temos é de procurar avançar nessa negociação, obtendo ganhos

crescentes. Temo que a negociação política nos leve a sonhar durante algum tempo e acordar enfrentando a rejeição do Congresso dos EUA", aconselhou Lemgruber.

Na visão do ex-presidente do Banco Central, todos os planos de negociação política se baseiam no valor que as dívidas de países como o Brasil passaram a ter no mercado secundário. "Como o título brasileiro no mercado secundário está valendo 40% do seu valor de face, logo se diz que o Brasil não deve mais US\$ 100 bilhões, mas US\$ 40 bilhões. Mas isso só é viável num mercado minúsculo como é o secundário. Na hora que esse raciocínio criar um sistema de perdão da dívida, obviamente os 40% de deságio de hoje vão subir", argumentou Lemgruber.

FRACASSO

Para o deputado federal pelo PDT e economista César Maia, a iniciativa do Tesouro norte-americano não beneficiará Brasil, Argentina e Mé-

xico. Deverá, segundo ele, se restringir a países muito pobres, como a Bolívia, "que não tem nenhuma chances de pagar suas dívidas". Mesmo assim, o deputado vê a posição do futuro governo Bush como uma abertura, embora atrasada, e já defendida pela social-democracia européia e, mais recentemente, pelo presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev.

Segundo Cesar Maia, o presidente eleito dos EUA finalmente acordou diante de um quadro político da América Latina desfavorável aos seus interesses, com vitória da social-democracia em diversos países e a quase derrota do PRI no México: "O que há é a constatação da política de instrumentalização do FMI e dos bancos credores para conduzir a questão da dívida. Sua intransigência em forçar o endurecimento nas negociações com os países devedores sempre foi apoiada pelos Estados Unidos, que agora, finalmente, reconhecem esse fracasso", concluiu o deputado.